



O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 11 DE JANEIRO DE 1852.

PENSAMENTOS.

Quizera que a trayçao fosse um veneno que destruisse a influencia do traydor na sua victimá, e que arruinasse para sempre suas maleficas tendencias.

Mas o homem que não tem bastante força d'alma para supitar o impeto de um desejo é miseravel, é insignificante; porque desconhece as propriedades de seu ser: não dá o devido valor ás faculdades que lhe forão concedidas pelo Creador, desconhece o que lhe ministra a natureza; porque elle a nao estuda.

Esse homem é sujeito á paixões, elle é traydor porque engana; serve-se da sociedade para passar a vida á custa de seus embustes.

Este é um que reprezenta o caracter do maior numero.

Temos pois de vencer ou morrer na lucta; só assim poder-se-há desfructar o reverdecer de lindos arbustos, e melhor, si se podesse desecar os parasitas que furtarão para si o melhor alimento.

Cada dia o sol nasce mais cheio de esperança! Confiamos.

A' noite não é sempre tão negra como a pintão no Inferno!

Os homens desse caracter que retrato poucas horas encontrarão para estudar o jogo das scenas que tecem de reprezentar com uma só phisiognomia.

O espelho tem dois vidros; enquanto elle se mira, mirão lhe os outros.

OS ESCRIPTORES DE NOSSA TERRA.

Concordamos em genero, numero e cazo com o artigo do P. Diniz inserto na *Marmota* n. 220, sob a mesma epigrafe que tomamos para este; e com elle lastimamos que nossa terra esteja tão evada destes escriptores rançosos, destes poetas de agoa doce, que sentufão como perús, e que não tean por si senão graçolas catharrentas, como coco de catharro, e rameosas como ramela dos olhos.

Para darmos um exemplo destes escriptores e poetas de que fallamos, analisaremos aqui um Acrostico, Ilha do Governador, inserto na *Marmota* n. 223

Immenso torrão vistoso

Longa praia guarnecendo.

Tinha que ver! Um torrão guarnecendo uma praia!

O poeta quiz dizer: de uma praia guarnecido; porém aqui é occasião do poeta repetir:

Maldito consoante a quanto obrigas

Que fazes serem brancas as formigas!

Continúa o Acrostico:

Um doce pensar trazendo

Ao quadro mais gracioso;

Ora eis-ahi uma couza maravilhosa?!? Uma praia ou torrão, que não podemos adivinar qual delles era que trazia, trazendo um doce pensar ao quadro mais gracioso! Se o poeta dissesse: ao quadrado mais teimoso, ficar-nos-hia intelligivel, porque em um quadrado se pôde dar figuradamente algum pensamento, porém nunca em um quadro por mais gracioso que seja.

D'um lado sai magestoso

O tremendo Pão d'Assucar.

Que Pão d'Assucar será este? Aquelle que todos nós conhecemos, não fica ao lado da Ilha do Governador, mas sim quasi na frente

Garbosso a serra prezide

O torreão grandioso!

O Sr. Prospero Diniz far-nos-hia especial obzequio de nos pôr isto em trocos miudos, a ver se advinkamos a charada.

Vê-se os navios a frente

E em linha guardando a barra.

Provavelmente quiz dizer: vê-se os navios em frente; porque como está escripto nunca foi portuguez.

Reverbera ao lado opposto

Na Praia-Grande a collina.

Que collina é esta! Vmc. não deve cauzar surprezas aos seus leitores! Olhe que uma surpreza pôde matar! Ande, diga... não quer dizer?... Ah! já sabemos. é uma collina que Vmc. criou para acabar o verso.... ora então porque o não dice logo! nós conhecemos sua modestia, mas neste cazo não lhe damos desculpa. Diga-n-s agora outra couza, que lado opposto é este que diz? Vmc. dizendo antes, que os navios estão na frente, o lado opposto deve ser por traz da ilha.... a ser assim Vmc. commeteo um erro grosseiro dizendo, que a Praia-Grande estava por traz da ilha do Governador.

A vasta e longa bahia

Do mar azul, fluminense.

Um doce a quem for capaz de nos dizer o que Vmc. quiz dizer nestes dois versos, modelos d'elegancia metrica!

O lugar tudo m'inspira

Recordações, poezia.

Bravo! bravissimo! Vmc. Sr. Prospero, é um Pindaro! Ou antes é mais que elle, porque nunca alguém levou tão longe o entusiasmo!

Aqui ficamos por hoje, no proximo numero talvez analizaremos outro modelo de poezia, que Vmc. inserio na mesma *Marmota* a que deo o titulo: *O passar da Lua*, e na mesma occasião responderemos ao que diz, precedendo essa publicação.

ESTUDOS THEATRAES.

Segunda Licção.

Antes de lernios esta segunda licção, rogarímos ao editor do *Mágico* que haja de não esquecer numeral-a, como acontece á primeira, porque queremos, que esses senhores governantes fiquem entendendo, que é nosso proposito continuar nestes estudos. Igualmente lhe supplicamos não esquecer a assignatura, porque temos horror ao anonimo.

Voltaremos ainda nesta licção á direcção lyrica, porque alguém se queixou, que nós ainda não dicemos bastante, e porque tinhamos occultado os nomes das pessoas a quem nos referímos, deixando o juízo publico esvoaçar sobre as cabeças dos 9 governantes, sem saber distribuir por elles nossas palavras.

Na revista que passamos, em nossa primeira licção, vimos que o director da companhia lyrica, que é o Sr. Francisco Manoel, não tinha encargo algum.

A ser assim, não poderia o Sr. Francisco Manoel, que dizem ser um grande muzico, servir ao menos para prohibir que se commettessem *crimes* muzicaes alterando os spartitos, emendando-os, remendando-os, e mascarrando-os? Pois o Sr. Francisco Manoel que, pelo titulo que tem, é o responsavel d'esses *crimes*, consentirá que se continue a cozer remendos ás operas, e inpingil-as ao publico, como se tem feito?

Então Sr. Francisco Manoel para que serve Vmc. ali? Que muzico é Vmc., que não tem o amor da arte?

Assim nos parecia, que hoje que a companhia lyrica tem á sua frente um artista, esse artista por amor e honra da arte não devia consentir, que se praticassem essas *novidades* nos annaes lyricos, novidades cujo invento, não sabemos a quem agradecermos, offertando-lhe uma coroa cívica de folha de Flandres a bem d'esfriar-lhe o juízo, que certamente lhe ficou a arder com este invento!

Infeliz theatro lyrico! Em vez de melhorares vais do mal a peior! Não faltará quem diga, que no tempo da sociedade emprezaria, quando tu eras dirigido só pelo Sr. Araujo, que será tudo menos artista, as operas subião á scena mutiladas, estropiadas, porem nunca remendadas.

Depois quem foi que auctorizou o Sr. Francisco Manoel a alterrar os trabalhos de outro! E a fazer uso d'elles pintados e lustros com tintas e verniz de outros?

O Sr. Francisco Manoel fazendo, ou consentindo que isso se fassa, dá uma mesquinha idéa de sua capacidade musical; e tacitamente injuria o bom senso publico; porque sendo o estilo de qualquer dos auctores, differente, e de um caracter proprio ao individuo, reprezentando o gosto da epoca e o progresso da arte; uma opera nunca poderá tolerar o recheio de uma peça de outra opera, que muitas vezes tem a diferença de meio seculo entre os seus nascimentos.

Como não deve ficar ridicula uma opera de Verdi, com o seu

estilo grandiozo, ardente e energico, reprezentante justamente do espirito do nosso seculo, recheada com os garganteados do estilo de Rossini, e o sentimentalismo do estilo de Bellini?

Alem disso a muzica é sempre composta em vista da letra, é o mesmo sentimento expresso em outra lingoagem; e então como não deve ficar irrisoria uma muzica arranjada em vista do sentimento da poezia do libretto, a qual se tenha encaixado uma nova letra?

Mas direis, que a letra não se muda, e que quando remendais uma opera, é a mozica e a letra! ... Oh? então inda fazeis maior mascarrada, porque mascarrais a poezia e a muzica, e fazei-vos dumamente criminozo!

O Sr. Francisco Manoel se não comprehende isso, então aonde está a sua grande capacidade muzical! e se comprehende, e se faz inerte, então é altamente criminozo, de desmazelo.

Agora uma resposta ao Violino do J. do Com.

A Sra. Candiani nunca excitou as iras de correspondente algum, porque não houve directoria, que a quizesse impingir como cantora de primissimo Cartello, e porque sempre modesta nunca recebeu, senão um modico ordenado, apezar do furor e entusiasmo, que o deliciozo de sua voz excitava.

O Chico.

— Recomendo ao meu Chico author do artigo — ESTUDOS THEATRAES, que estude melhor as suas lições para não dar alguma sillabada a respeito do director da companhia lyrical; porque essa pessoa (segundo me consta) tem recebido do theatro muito trabalho e incommodo e nada mais. (Não deixa de ser raro!) Vamos lá Sr. Chico olhe a palmatoria se V. Mce. não dá lições mais sabidas.

Do Redactor.

O QUE EU PENSO.

O' peste devoradôra, que tão subtil te ensinaste nos espiritos e vais nelles consumindo toda a moral, ó ignorancia, deixa de embreter os homens e assim prival-os do gôzo do bem! Porem como, se já no berço por ella somos emballados e crescemos á custa do seu leite venenozo; crescemos, e apenas o instincto nos abre os olhos em busca da luz, que esses olhos são fechados e quasi sempre para não se abrirem mais? !.....

Nossos pais, os lavradôres que plantároa a semente no terreno da vida e que só se satisfazem com o locaz orgulho de verem a planta brotar sem que preparem o terreno em que ella deve crescer, sem que lhe facultem os principios que a devem nutrir, sem que a ponham ao abrigo dos furacões, das grandes chuvas e dos queimores do sol, nossos pais, os entes encarregados da nossa existencia e que em vez de cultivar a levando ao nosso espirito a candeia que deve

illuminar-nos o caminho a seguir e que nos deixão em trevas tropeçando nos espinhos, caminhando errado trilho; os entes a quem a natureza manda amar e a quem por nós demanda amor, é sobre quem recai a responsabilidade da nossa ignorância; porque negligentes em vez de zelarem em nossa educação, impaciveis veem as silvas do vicio nascer em nossos corações, e não cuidão em arrancá-las; veem seos filhos entregues ao abandono criarem-se em deleixo, ignaros, viciosos, desprovidos emfim de qualquer alimento espiritual, e imiotos não curão em prestar-lhes um auxilio. Filhos ha, com horror o digo, que jamais experimentarão esses movimentos da natureza levando ao nosso espirito o mais doce vínculo de ternura; que até nunca pronunciarão o nome de pai e de mãe nem usarão para com elles dos respeitos que se votão a tais entes. E o que se pode esperar de um filho que em vez de ser amamentado pelo carinho, e pelo amor, vive habituado no devaíro que existe entre seos pais, nos modos grosseiros com que elles se tratão mutuamente e tratão a seos famulos, que se barbariza no barbado costume de castigos corporaes sanguinolentos? — Rispidez grosseira, embotamento de sensibilidade e conseguintemente de ternura e de amor.

* *

OBSERVAÇÕES.

Ninguem está contente com a sua sorte; e é esse o motivo de todos andarem se queixando. Cada qual inveja a sorte do outro e este a daquelle reciprocamente e andão todos n'um *mare magnum* de descontentamento; e é por isso que ninguem é feliz. O que é verdade, e *incontestavel*, é que todas as couzas tem o seu destino e assim como uns homens nascem para viver no graudor e na opulencia e outros na miseria, assim tambem umas flores nascem para viver em completo abandono, derrubadas muitas vezes pelo furacão, sem que uma mão beneficia as levante e lhes ajude a viver, e outras ao contrario vão representar no peito de uma nimpha o amor e a dedicação, e já mesmo secas, já sem vida, são beijadas e guardadas com ternura, etc.; mas mesmo assim fallai ao homem feliz e vereis que elle deseja a sorte do miseravel, o miseravel a do feliz, etc. Porem me parece, e estou mesmo convencido que de todas as couzas que existem as que não tem sorte diversa são os lampeões do serviço publico. Sim, a principio me parecia que aquelle lampeão que estivesse em serviço da caza da polícia e seus contornos seria o mais feliz, mais bem tratado e não estaria exposto como os outros a ser testemunha de patifarias e ladroeiras, e por fim ser o alvo das imundicies; mas enganava-me redondamente, porque, não sei porque motivo, tudo quanto é da polícia e mais perto está della menos merece a sua vigilancia; e então se esses não tem melhor destino que farão os outros que, como eu, estão distante dessa senhora egoista que só

vê aquillo que é do seu interesse pessoal?.... Então.... então é que eu não tenho razão para queixar-me (isto é que é fallar com consciencia); e devêra consolar-me com a sorte dos outros; mas é que ninguem tem essa virtude (e entretanto todos se julgão virtuosos) e todos importão-se muito mas é consigo e se clamão a favor do bem publico e para dar mais força ao favor que desejão para si. Assim, eu bem vejo que todos os meus collegas lampeões soffrem o mesmo que eu soffro ou talvez ainda mais, e alguém me dirá consola-te; porém eu digo a isso que no queixar é que está o allívio e confessarei que sempre tenho alguma inveja senão dos lampeões da policia ao menos da casa de algum dos empregados della por que embora não me limpasse senão para os saráos ninguem ao menos viria fazer sobre mim o seu mandado de despejo..... Ora.... vejão se isto pôde aturar-se!.... este capadocio que aqui está vociferando e proferindo com toda aquella liberdade que, diz elle, a constituição concede a qualquer cidadão, quanta obscenidade lhe vem á cabeça esquenta-da pela aguardente, com todo aquelle deleixo e descaramento que é proprio n'um homem desta ordem, (mormente neste paiz em que a correcção só serve para fornecer bons materiaes e opperarios para o estabelecimento de bonitos predios particulares) apresenta-se quasi desrido, offendendo desta sorte toda a decencia e o mimoso pudor daquellas pobres meninas que morão ali defronte e que quasi roxas de vergonha fogem da janella á qual não se atrevem a chegar mais, e com todo o desaforo despeja depois sobre mim toda a aguardente que tem bebido já convertida em fetida ourina euja amoniâ só não atormenta a cabeça desses fiscaes porque todos dormem o sonno da preguiça. E as minhas vizinhas alem de terem recebido impre-vistamente a impressão mais desagradavel que foi perturbar a pureza de seu espírito inocente, ei-las privadas de continuar a sua unica distracção desta tarde porque agora depois que se retirou o mariola, (que foi por toda a rua mostrando o quadro da desmoralisão e do deboche, atacando com gestos e palavras a modestia, a virgindade e a decencia de quem o vê e quem o ouve e que não tem o poder de castiga-lo), aqui chegou um pobre cego embrulhado só n'um cobertor e assentou-se de maneira que ficou inteiramente desrido, porque coitadinho nem uma camiza traz, e assim se conserva dormindo a sua sesta e eu que o ature e me mõa vendo os passageiros obrigados a tomar o meio da rua porque a calçada está atra-vancada com aquelle trambolho, e os mais que se privem de chegar á janella, ou então que vejão por força MARMOTA, porque os se-nhores a quem compete vellar sobre isso não querem encomodar-se com o que chamão banalidades pois para elles só é importante o que lhes dá dinheiro gordo.... Oh! Deos bem sabe o que faz, porque muita gente, até de commenda ao peito, estaria carregando barro de calceta ao pé, se eu fosse.... em vez de ser o

FERROADAS.

Que vem fazer aquelle sujeito emfraldinhas com a vella aceza na mão direito a mim ? — Homem vá dormir ; vocês pensão que eu caio assim na chamma dessa vella de vintem, tão fina e tão mal feita ?? Vocês que tem todo o poder nas mãos não sei porque não tomão contas aos sujeitos que fazem vellas ? As vezes está a mulher catando pulgas e vem a filhinha toda ligeira armada, de mão aberta a ver se me esburracha, e furto-lhe o plano, e vou cantar ao ouvido do pai ; lá chama elle pela preta Josepha que queime alfazema ou breu, e quer ver se com isto eu fico tonto ou morto ; qual ! nada ! Eu estou renitente, convidó aos outros e vou-lhe fazer uma orchestra aos ouvidos, o homem desespera, e eu me rio. Chamão-me de mosquito, pernilongo, burrachudo, e quanto nome lhes vem á boca, porem eu mangô com todos á direita e á esquerda. A's vezes assisto a certas passagens domesticas que vão por esse mundo, vejo certas desavenças, e áquelle que não tem razão, vou cantar-lhe uma das minhas arias a moda do inferno, e emquanto o cujo desesperado dá uma pancada em si mesmo, eu mais que depressa, vou-lhe ao cangote e ferro-lhe de rijo. Então formaliza-se pragueja contra Deos, contra a natureza, chama martirio o homem estar sujeito ás pulgas percevejos e mosquitos. E eu me rio. Gosto de ver o rei dos animaes enfurecido contra um, talvez dos mais franzinos de seos vassallos. Os homens são muito pouca couzâ! vem a formiga dá-lhe um beijinho, a pulga dá-lhe um abraço e eu cantando sou capaz de o pôr doudo ! Ora ahí está ! Costumo a passar por diversos quartos e salas. Na caza dos ricos levo muita vassourada, e vasculhaçao ; na caza do pobre vejo-me atrapalhado com as teas de aranha. Até nisso mostra o bicho homem o que é ; pode-se ser pobre sem ser porco, e pode-se muito bem ser rico e andar aceado e com a caza sempre limpa sem ser necessario ter quatro negros todos de vassouras para me incomodarem a cada hora do dia, porem eu vingo-me de noite por mais que queirão não podem comigo.

Sou um daquelles animalejos que mais atrapalho a existencia do rei dos animaes porque justamente quando elle busca repouzo, nessa occasião é que eu julgo apropriada para me divertir ; e se não se cobre quando dorme, melhor, dou-lhe uma pequena sangria.

Até logo quando o leitor estiver deitado lhe mostrará para quanto presta.

O Mosquito.



MISCELLANEA.

— O Sr. Francioni com sua *speculacioni* já vai passando para *empulhacioni* porque ás vezes deixa os freguezes chucharem no dedo, outras vezes da-lhes mingau de sorvete; já vai augmentando o preço do gello, aconselhamos que ninguem se refresque mais a ver se elle abaixa, como os outros levantão o preço do sorvete. Ha quem pre-fira os 320, porque os costumes velhos custão a deixar-se.

— Parece-me que o furor da vigilancia foi só pelos dias em despedida do anno que acabou porque agora..... é tão raro encontrar-se uma ronda, como dinheiro na mão de quem deve alguma conta !!

— Não seria mau que alguma pessoa, em nome da ordem, da moral, ou daquillo que faz a gente desejar o bem geral, faça suas vizitas de correção por esse semi numero de *curtiços* a fim de obstar certas..... Oh por certo não o diremos... quem quizer é passar, sobre tudo, pela rua nova do Príncipe.

— Oh! não tem duvida ganha um bilhete já servido d'algum espectáculo variado, aquelle que for capaz de acender certos lampiões apagados que costumão, apenas escurecer, a se pregar em certas janellas.

— Acordou este anno e com elle mais uma sucia de collegios, vamos a ver no que dá isso. Tenho conhecido que grandes e pequenos todos estão agora mais mal educados, e para o futuro estou que vai a peior na razão directa do augmento dos collegios; assim como as molestias na razão igual a respeito dos Medicos, que já parece castigo.

— O traductor está com a sobredita cuja molestia da moda por isso não podemos apresentar folhetim, coitadinho elle está com a cabeça fraca.



— A significação da ultima charada é : — Portaria.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & AYRES.

Rua d'Alfandega n.º 135.